

Curadoria e narrativas: contando histórias de brasilidades e culturas por meio das exposições

Curation and Narratives: Telling Stories of Brazilian Identities and Cultures Through Exhibitions

Sandra Regina Bastos¹ (PPGA-UFES)

Resumo: A investigação propõe-se a examinar a construção de sentidos nas exposições a partir de abordagens contemporâneas da curadoria, ancorando-se nos referenciais de Hans Ulrich Obrist (2015), que compreende o curador como agente mediador, e de Nicolas Bourriaud (2009), cuja ênfase recai sobre a estética relacional. A partir da análise de distintas práticas curatoriais, observam-se modos diversos de produção narrativa, os quais se adaptam aos contextos específicos em que se inserem, sejam eles museológicos ou baseados em experiências em ambientes expositivos. Nesse contexto, a noção de brasilidade representa componente articulador entre obra, território e memória cultural. O estudo também explora as intersecções entre tradição e contemporaneidade, incorporando múltiplas temporalidades entre erudito e popular, configurando-se como elemento estruturante na constituição de identidades culturais e na produção de sentido no campo artístico.

Palavras-chave: curadoria; narrativas; exposições; arte; brasilidade.

Abstract: *The investigation aims to examine the construction of meaning in exhibitions through contemporary curatorial approaches, drawing on the frameworks of Hans Ulrich Obrist (2015), who understands the curator as a mediating agent, and Nicolas Bourriaud (2009), whose emphasis lies on relational aesthetics. By analyzing diverse curatorial practices, the study observes various modes of narrative production, which are adapted to the specific contexts in which they are situated, whether museological or based on experiential exhibition environments. In this context, the notion of brasilidade (Brazilianness) emerges as an articulating component between artwork, territory, and cultural memory. The study also explores the intersections between tradition and contemporaneity, incorporating multiple temporalities and bridging the realms of the erudite and the popular, thus positioning brasilidade as a structuring element in the constitution of cultural identities and the production of meaning within the artistic field.*

Keywords: *curation; narratives; exhibitions; art; Brazilian identity.*

DOI: 10.47456/zr7kk663



O conteúdo desta obra está licenciado sob uma licença [Creative Commons Atribución-NoComercial-CompartirIgual 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/)

¹ Formada em Artes Plásticas (Universidade Federal do Espírito Santo) e Design de Interiores (Senac) e Pedagogia (Estácio de Sá); Mestre em artes (PPGA-UFES). ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6537-384X>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4108266192355451>.

Introdução

Esta pesquisa aborda a relação entre curadoria e narrativas que exploram histórias culturais brasileiras em exposições, no contexto dos eventos artísticos, enfatizando sua relevância enquanto prática cultural e intelectual na construção de significados. O trabalho toma como base estudos contemporâneos sobre curadoria, como os de Hans Ulrich Obrist (2015), em *"A Brief History of Curating"*, que destaca o papel do curador como mediador entre artistas, obras e público e autores como Nicolas Bourriaud (2009), na obra *"The Radicant"*, que introduz conceitos como "relacionalidade" na experiência expositiva.

O objetivo do estudo é a análise das práticas curatoriais que organizam e comunicam sentidos e interpretações por meio de narrativas construídas nas exposições de arte e cultura, considerando o impacto das experiências dos visitantes e a forma como as obras são recebidas. O principal objetivo é investigar como a curadoria pode criar discursos e narrativas que vão além da organização espacial de obras, revelando conexões sociais, históricas e emocionais, ampliando a discussão sobre o papel das exposições como espaços de aprendizagem, com especial atenção à brasilidade como elemento central na construção dessas narrativas. Neste contexto, o termo "brasilidade" refere-se ao conjunto de manifestações culturais, identitárias e simbólicas que expressam a diversidade e a complexidade do ser brasileiro, incluindo aspectos regionais, étnicos, históricos e populares que ajudam a situar as obras em seus contextos locais e ampliar sua potência comunicativa.

A metodologia aplicada consiste em uma abordagem qualitativa, incluindo revisão bibliográfica de autores importantes no campo da curadoria, análise de estudos de caso de duas exposições relevantes e entrevistas com curadores experientes. Além disso, será feita uma análise crítica dos discursos presentes nos catálogos e materiais interpretativos das exposições estudadas. A abordagem metodológica combina técnicas qualitativas, explorando tanto os resultados do trabalho do curador quanto a experiência do público de forma integrada. A análise espacial

pode ser complementada com pesquisa visual, formando um quadro abrangente sobre como as narrativas se constroem em exposições, tanto pelo uso de elementos objetivos (como a estrutura e os elementos curatoriais), quanto subjetivos (como as interpretações e experiências do público). Ao discutir a prática curatorial com enfoque no contexto museológico, percebemos um campo vasto e multifacetado sobre o papel do curador na contemporaneidade. Analisamos como a curadoria se relaciona com os processos de preservação, pesquisa, comunicação e mediação cultural, enfatizando sua importância na construção de narrativas expositivas que dialoguem com diferentes públicos. Nesse contexto, a brasilidade se apresenta como um aspecto relevante a ser considerado na formulação dessas narrativas.

Scheiner, em “Curadoria em Museus” (2012), aborda os desafios enfrentados pelos curadores na contemporaneidade, como a necessidade de integrar tecnologias digitais, repensar modelos de exposição e considerar questões sociais, culturais e éticas na escolha e apresentação dos acervos. O livro reflete sobre os múltiplos olhares que moldam o trabalho curatorial, incluindo perspectivas históricas, artísticas, científicas e antropológicas, mostrando como essas dimensões podem convergir em exposições significativas e inovadoras. Dessa forma, a brasilidade emerge como um aspecto essencial a ser explorado na criação de narrativas que dialoguem com diferentes públicos e reforcem identidades culturais. Ao longo da obra, vários exemplos práticos e reflexões teóricas são apresentadas e que contribuem para o entendimento do curador não apenas como um organizador de exposições, mas como um mediador cultural capaz de transformar em espaços dinâmicos de aprendizagem e diálogo social.

Outro autor relevante, Condurú (2015), trata da estética como uma área de interseção entre ética e crítica, sendo suas ideias usadas para fundamentar reflexões sobre o impacto da curadoria na experiência estética. O autor investiga o papel da curadoria e a mediação como práticas interligadas na organização e apresentação de exposições de arte contemporânea,

mostrando como a curadoria se configura como um processo crítico, interpretativo e criativo, que vai além da simples seleção e disposição de obras, enfatizando sua capacidade de criar diálogos entre artistas, obras e público. Condurú, em “Curadoria e mediação em exposições de arte contemporânea” (2015), destaca o caráter interdisciplinar da curadoria contemporânea, considerando suas interfaces com outras áreas, como Antropologia, História, Comunicação e Estudos Culturais. Ele aborda o papel da mediação como uma prática essencial para aproximar o público das obras e das narrativas propostas, analisando estratégias que podem ampliar a acessibilidade e o engajamento em exposições de arte. Sua abordagem contribuiu para a pesquisa por trazer uma reflexão aprofundada sobre os desafios e as possibilidades da curadoria na contemporaneidade, incluindo o uso de novas tecnologias, a inclusão de diversidades culturais e a construção de experiências imersivas. Também apresenta estudos de caso que exemplificam a aplicação de conceitos teóricos na prática curatorial, oferecendo ao leitor um panorama abrangente e crítico sobre os caminhos da curadoria e mediação na arte contemporânea.

É relevante destacar a extensa área de atuação do curador, variando significativamente conforme o contexto em que ele trabalha, seja em museus, galerias ou exposições, imersivas ou não, adaptando-se às demandas específicas de cada ambiente. Em museus, seu papel além de organizar exposições permanentes e temporárias, também garante que, as peças sejam contextualizadas dentro de narrativas históricas ou temáticas. Nesse processo, torna-se relevante enriquecer as narrativas, valorizar as identidades culturais e promover reflexões sobre o patrimônio nacional além da preservação, pesquisa e interpretação de acervos históricos, artísticos ou científicos.

O papel do curador

A compreensão do papel do curador na construção de narrativas expositivas tem sido amplamente debatida por diversos autores. Hans

Ulrich Obrist destaca o curador como um mediador fundamental entre artistas, obras e público, cujo trabalho vai além da simples organização espacial, atuando na articulação de significados e na mediação de experiências (Obrist, 2015, p. 163). De modo complementar, Nicolas Bourriaud introduz o conceito de “estética relacional”, que enfatiza a importância da interação e da relacionalidade entre os visitantes e as obras, ampliando o papel da curadoria para a criação de experiências participativas e imersivas (Bourriaud, 2010, pp. 21-23, 57).

Nesse contexto, a seleção e organização das obras por parte do curador visam construir narrativas que comunicam ideias, conceitos ou histórias específicas dentro da exposição, promovendo uma mediação sensível entre arte, público e espaço expositivo. Scheiner ressalta a relevância da ambientação, como luz, disposição das obras e elementos do design, que contribuem diretamente para a construção da narrativa e para a experiência estética do visitante (Scheiner, 2012, pp. 133-146, 160). Além disso, a análise atenta das características do público, suas formações, experiências culturais e contextos diversos, como apontado por Conduru, é essencial para que as narrativas curatoriais sejam efetivamente significativas e inclusivas para diferentes grupos (Conduru, 2015, p. 37).

A construção da narrativa expositiva varia conforme as tipologias adotadas – sejam elas lineares, fragmentadas ou imersivas – e o curador deve estar atento a essas especificidades para garantir uma experiência coerente e impactante. Em um cenário contemporâneo, é também papel do curador investigar o impacto das inovações tecnológicas e interativas, integrando-as para promover diálogos críticos com temas históricos, sociais e culturais, ampliando a percepção e a comunicação da arte.

Assim, a curadoria pode propor novas perspectivas, criando abordagens mais diversificadas, inclusivas e interativas, que favorecem uma experiência mais profunda e reflexiva do público. O papel do curador, que começa na concepção e planejamento da exposição, estende-se até sua avaliação e documentação final, abarcando todas as fases – da escolha das obras ao desenvolvimento conceitual, montagem do espaço e interação

com o público. Conforme enfatizam Obrist (2015) e Bourriaud (2010), o curador evoluiu de um guardião das coleções para um mediador estratégico e agente ativo na construção de discursos culturais, ampliando o papel da exposição para além da mera organização de objetos, incorporando narrativas e diálogos que conectam as obras aos seus contextos locais e globais, enriquecendo o discurso curatorial.

Temáticas e narrativas para exposições

No contexto contemporâneo, as exposições se configuram como espaços de interação, exploração sensorial e participação ativa. A construção de exposições exige um olhar atento para as temáticas e narrativas que estruturam a experiência do público, podendo abranger diferentes campos do conhecimento, como história, arte, ciência e cultura. No campo da tecnologia quando associada à arte, por exemplo, as narrativas podem ser construídas a partir de uma reinterpretação da obra de artistas renomados, a partir da criação de atmosferas envolventes e imersivas com temáticas históricas e, nesse caso, a narrativa pode explorar elementos da memória e do pertencimento, convidando o visitante a "caminhar" por diferentes épocas e espaços.

As exposições, sejam elas imersivas ou tradicionais, são construções narrativas que dialogam, organizam e comunicam ideias, conceitos e diversas linguagens proporcionando experiências ao público. Logo, a escolha da temática e da narrativa são essenciais para definir a identidade da mostra, o percurso expositivo e a forma como o visitante interage com todo o conteúdo. A narrativa de uma exposição pode ser linear ou fragmentada, direta ou subjetiva, dependendo do conceito e da abordagem escolhida.

Dentre algumas narrativas comuns, podemos citar a cronológica, a temática, a sensorial e interativa e, por último, a ficcional e poética. A cronológica apresenta os conteúdos de forma sequencial, guiando o espectador por uma linha do tempo e é mais comum em exposições históricas e retrospectivas de artistas. Já a temática organiza as obras ou

objetos por conceitos específicos, criando conexões entre diferentes épocas, estilos ou disciplinas. Nos casos da sensorial e da interativa, convidam o visitante a participar ativamente promovendo engajamento por meio de experiências sensoriais, tecnológicas ou performáticas. Por último, a exposição se constrói como uma história imaginária, quando se trata de um enredo ficcional e ou poético.

A escolha da temática depende do contexto, do público-alvo e dos objetivos curatoriais, e algumas temáticas recorrentes incluem temas como cultura e história, sustentabilidade, ecologia, ciência, tecnologia, design, arquitetura e identidade. A temática de cultura e história trata das exposições que exploram movimentos artísticos, trajetórias de artistas ou diálogos entre diferentes formas de expressão e movimentos artísticos. Também trazem a memória, reconstituindo eventos históricos, tradições culturais e patrimônio imaterial, como festivais, mitologias e saberes populares. No caso de temas relacionados à natureza e sustentabilidade, as abordagens são sobre meio ambiente, biomas, ecossistemas e a relação do ser humano com a ecologia. Quando falamos de ciência e tecnologia, as exposições relacionam descobertas científicas e inovação, desde a astronomia até a inteligência artificial. Para o design e arquitetura, as reflexões predominantes são sobre estética, funcionalidade e urbanismo tratadas em conjunto com o cotidiano e o bem-estar. Nas referências do corpo e identidade, as mostras exploram questões de subjetividade, gênero, ancestralidade e diversidade cultural e, quanto ao imaginário e ficção, os universos narrativos transportam o visitante para mundos fantásticos, mitológicos ou oníricos.

A narrativa e a temática de uma exposição devem dialogar com a cenografia, com os suportes expográficos e com a mediação e a intersecção entre eles e suas diferentes linguagens e abordagens amplia o impacto da mostra e as conexões com o público. A escolha da temática influencia diretamente os recursos utilizados na concepção do espaço expositivo, assim como as narrativas lineares, que seguem uma sequência cronológica, contrastam com abordagens fragmentadas ou não-lineares,

em que os visitantes constroem sua própria experiência ao percorrer a exposição. Dentro dessa pluralidade de abordagens as exposições imersivas tem seu espaço projetado para estimular diferentes sentidos, incorporando elementos como projeções visuais, sons, texturas e aromas. O diálogo entre o espaço físico e as narrativas permitem que os visitantes vivenciem histórias e a sensorialidade desempenha um papel relevante na construção de sentidos, possibilitando experiências que vão além da percepção visual. No caso dos ambientes imersivos, eles frequentemente utilizam iluminação dinâmica, projeção mapeada e som 3D para criar uma atmosfera envolvente e todos esses aparatos por meio de interfaces responsivas, permitem que os visitantes vivenciem narrativas próprias de acordo com suas interações dentro do espaço.

A diversidade da atuação do curador é observada em museus, onde há ênfase na educação e preservação; em galerias, com foco nas tendências artísticas e no mercado e no caso de exposições imersivas, há prioridade para as experiências sensoriais e engajamento emocional. Cada contexto exige que o curador desenvolva habilidades específicas para alcançar os objetivos do projeto expositivo. Além disso, o curador deve pensar no espaço físico da exposição e em como as obras serão dispostas para contar a história de maneira fluida, integrando, sempre que possível, elementos que reflitam e valorizam as identidades culturais do público local. Essa disposição é chamada de narrativa, cuja intenção é provocar questionamentos e oferecer uma interpretação aberta com histórias que conectem as obras e guiem a experiência do público. As narrativas podem trazer reflexões sobre tradições, história e contemporaneidade, promovendo um diálogo profundo com a cultura nacional, que é o tema em questão.

A temática de uma exposição é o conceito central ou o assunto abrangente que orienta a seleção das obras, como "arte e natureza" ou "história da fotografia". O tema é uma abordagem mais específica representando uma ideia ou foco particular, como "Paisagens Naturais da Pintura do século XIX". A temática oferece o contexto, definindo um ponto específico de

exploração, e o tema fornece a base para a escolha das obras e para a definição do foco da curadoria. A diferença entre temática e narrativa para um curador está principalmente na forma como cada uma orienta e organiza o conteúdo da exposição, seja com a temática estabelecendo o foco central, ou com a narrativa direcionando a maneira como a história será contada e experimentada pelo público.

No caso de narrativas que explorem a cultura nacional, o impacto pode ser ainda mais significativo, pois diz respeito à maneira como o curador decide apresentar e conectar as obras envolvendo sua disposição, as relações entre elas, a sequência de apresentação, o uso de textos explicativos e os dispositivos interativos que ajudarão a contar a história em questão.

A utilização de narrativas sobre a historicidade de nosso país valoriza nossa identidade, o regionalismo, reconhece a diversidade cultural e afirma a ancestralidade dos povos que compõem a história brasileira. Ao integrar memórias, tradições e expressões locais, o curador contribui para fortalecer o vínculo entre o público e suas raízes e essa abordagem amplia o sentido das exposições como espaços de reflexão e pertencimento. Ailton Krenak (2019) destaca a importância de reconhecer outros modos de existência e conhecimento, defendendo uma reconexão com os territórios, os saberes ancestrais e os modos de vida que resistem à homogeneização cultural imposta pela modernidade.

Nesse sentido, Walter Mignolo (2003) propõe a ideia de "epistemologias do sul", que reconhecem outras formas de conhecimento para além das tradições eurocêntricas, promovendo justiça cognitiva e cultural.

Para ilustrar como a brasilidade pode ser articulada em exposições contemporâneas, este artigo realiza uma análise crítica de duas mostras recentes que se destacam pelo diálogo entre tradição, identidade cultural e inovação curatorial. A primeira Exposição citada aconteceu em 2019, no Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), intitulada "36º Panorama da Arte Brasileira: Sertão", exibida entre 17 de agosto e 15 de novembro. Com curadoria de Júlia Rebouças, a mostra reuniu 29 artistas e coletivos

que propuseram refletir sobre o conceito de "sertão" não apenas como uma região geográfica, mas como um modo de pensar, agir e existir. A curadoria destacou a resistência, a experimentação e a contestação presentes na arte brasileira contemporânea, desafiando representações tradicionais e hegemônicas.

Entre os artistas participantes estavam Ana Lira, Antônio Obá, Dalton Paula, Gê Viana, Mariana de Matos, Randolpho Lamonier e Rosa Luz. Algumas das obras em destaque incluíram "Sertão Escuro", de Dalton Paula, que retrata figuras afro-brasileiras em uma releitura da iconografia sertaneja; "Mapa da Resistência", de Ana Lira, que explora territorialidades e memórias; e "Incêndio na Caatinga", de Randolpho Lamonier, uma instalação que dialoga com questões ambientais e sociais do sertão.

A exposição abordou temas como identidade, memória, resistência e as múltiplas realidades sociais e culturais do Brasil. A curadoria buscou evidenciar a pluralidade das histórias brasileiras, apresentando diferentes perspectivas e narrativas, frequentemente marginalizadas nas versões oficiais da história.

Para uma análise crítica mais aprofundada da exposição, incluindo os conceitos curatoriais aplicados e a seleção das obras, recomenda-se a consulta ao catálogo oficial da mostra, bem como aos materiais de divulgação disponíveis no site do MAM.

A mostra "Territórios de Memória: narrativas ancestrais e contemporâneas" (2021), realizada no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), foi organizada pela curadoria composta por Tainá Menezes, Adriano Pedrosa e Marina Jari, que articulou o tema da brasilidade a partir da relação entre território, memória e ancestralidade. A exposição enfatizou a importância dos saberes tradicionais e da resistência cultural, promovendo uma reflexão crítica sobre as histórias oficializadas e aquelas invisibilizadas pelo processo colonial.

Os curadores empregaram uma abordagem interdisciplinar, integrando objetos de arte, artefatos indígenas e quilombolas, além de performances e tecnologias digitais, como realidade aumentada e projeções imersivas,

para ampliar a experiência sensorial do visitante. A escolha de espaços expositivos não convencionais buscou potencializar o diálogo entre as narrativas ancestrais e contemporâneas, estimulando uma imersão que transcende a mera contemplação visual.

Entre as obras expostas, destacam-se o conjunto de cerâmicas do povo indígena Kadiwéu, que ilustram técnicas ancestrais de produção e simbolismo cultural, e as fotografias de Diene Neiva que retratam comunidades quilombolas, evidenciando suas lutas por território e memória. A instalação multimídia “Memórias em Fluxo”, da artista digital Ana Tereza, incorporou tecnologias de realidade aumentada para criar uma experiência interativa e imersiva que conecta passado e presente.

Entretanto, a complexidade das narrativas e a densidade conceitual apresentadas pela curadoria exigem do público um nível elevado de engajamento e reflexão, o que pode, em certa medida, limitar o acesso de visitantes menos familiarizados com as temáticas indígenas, quilombolas e suas expressões culturais. Assim, a exposição evidencia a necessidade de práticas curatoriais que considerem também estratégias de mediação cultural para ampliar a acessibilidade e a compreensão do público.

Essas exposições evidenciam como a brasilidade, quando explorada por meio de narrativas curatoriais inovadoras, pode atuar como um eixo integrador que conecta arte, cultura e história, contribuindo para a construção de experiências significativas. Ao mesmo tempo, revelam desafios no equilíbrio entre acessibilidade e complexidade, diversidade e representação, que devem ser continuamente enfrentados nas práticas curatoriais contemporâneas.

Considerações finais

O planejamento de uma exposição seguindo uma sequência, uma abordagem temática ou a tendência para ser uma experiência interativa transforma o espaço expositivo em um ambiente dinâmico, onde cada obra contribui para uma história maior. Dessa forma, a curadoria não é apenas sobre mostrar obras e a arte, mas sobre criar uma plataforma onde

o público possa entender, sentir e refletir sobre a intenção do artista, as narrativas e a história da arte. As histórias em exposições são contadas por meio da seleção criteriosa de obras e da organização do espaço, criando uma linguagem visual que guia o público. O curador desempenha esse papel dentro do processo sugerindo desde utilização de elementos adicionais, como textos, luzes até as tecnologias, todos elementos que possam enriquecer a narrativa e a experiência sensorial. As exposições, portanto, tornam-se um espaço onde a arte se comunica, criando uma ponte entre o público e a obra.

A curadoria dentro do processo da arquitetura da exposição é o alicerce onde a escolha da temática e a construção da narrativa não apenas organizam o conteúdo, mas determinam o impacto da mostra transcendendo a mera disposição de objetos ou imagens. A temática, quando cuidadosamente selecionada e alinhada com uma narrativa envolvente, transforma a exposição em um espaço vivo de trocas e descobertas definindo comunicação, orientando a cenografia e estabelecendo pontes entre o conteúdo e o visitante, despertando memórias, questionamentos e novas percepções.

Seja ao resgatar tradições, provocar reflexões sobre o presente ou especular futuros possíveis, a força de uma exposição está na sua capacidade de contar uma história que se conecta com o público. Assim, a curadoria não é apenas um ato de seleção, mas um exercício de criação de significados onde cada elemento do projeto de uma exposição contribui para um diálogo potente entre arte, espaço e espectador.

Este artigo apresenta os resultados de uma investigação que analisa como as novas tecnologias têm impactado a curadoria contemporânea, especialmente na criação, comunicação e experiência de narrativas em exposições. Dentro do eixo temático “Mídias e práticas interartes” a abordagem trata da integração entre mídias digitais e práticas curatoriais, destacando a articulação entre tradição, identidade cultural e contemporaneidade. Observou-se que o uso das tecnologias digitais não apenas transforma as práticas expositivas, como também amplia o alcance

das expressões artísticas nacionais, promovendo experiências mais imersivas e acessíveis. Essa identidade cultural, emerge como um eixo estruturante das narrativas, em constante diálogo com tendências internacionais, sem perder sua ancoragem simbólica e histórica. Quando tratamos de inovação tecnológica e patrimônio cultural reposicionamos a arte brasileira no cenário global, potencializando seu valor simbólico e comunicacional junto a diferentes públicos.

Conclui-se que a curadoria, seja ao utilizar temas como brasilidade, seja ao incorporar mídias digitais, fortalece sua função mediadora e educativa, expandindo fronteiras sensoriais e conceituais nas práticas expositivas. Consequentemente surgem contribuições significativas, assim como diversidade de públicos e interpretações em diferentes contextos culturais, sociais e educacionais. Um tema com enfoque na brasilidade, enquanto elemento articulador, enriquece as experiências múltiplas – individuais e coletivas – inclusive entre públicos não especializados. Nesse sentido, ressaltamos como a curadoria pode potencializar a comunicação entre obras, espaços e públicos, promovendo novas formas de engajamento e reflexão crítica, considerando a diversidade de formatos expositivos, desde mostras tradicionais em museus e galerias até experiências imersivas e interativas.

Referências

BOURRIAUD, Nicolas. **The Radicant**. New York: Sternberg Press, 2010.

CCBB. **Territórios de memória explora narrativas indígenas e quilombolas**. Disponível em: <https://ccbb.com.br/exposicoes/territorios-de-memoria>. Acesso em: 27 maio 2025.

CCBB. **Territórios de memória: narrativas ancestrais e contemporâneas**. Rio de Janeiro: CCBB, 2021. Catálogo da exposição.

CONDURÚ, Roberto. **Curadoria e mediação em exposições de arte contemporânea**. Editora UFRJ, 2015.

DIJK, Alix van. **Curating for the Future: exhibition Strategies for Heritage Institutions**. Amsterdam University Press, 2021.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MENEZES, Tainá; PEDROSA, Adriano; JARI, Marina (orgs.). **Territórios de memória: narrativas ancestrais e contemporâneas**. Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil, 2021.

MIGNOLO, Walter. **A ideia de América Latina**. Tradução: Walter L. Berna. São Paulo: UNESP, 2003.

MONTENEGRO, Aline e Régis, Francisco. **Curadoria de Exposições: desafios e práticas no Museu Histórico Nacional**. Editora Fiocruz, 2018.

OBRIST, Hans Ulrich. **A Brief History of Curating**. JRP Ringier, 2008.

REBOUÇAS, Júlia (org.). **36° Panorama da Arte Brasileira: Sertão**. São Paulo: MAM - Museu de Arte Moderna de São Paulo, 2019.

SCHEINER, Tereza. **Curadoria em Museus: múltiplos olhares**. Editora Museu Histórico Nacional, 2012.

Recebido em: 03 de março de 2025.

Publicado em: 27 de junho de 2025.